

A enunciação do eu na autossociobiografia: uma leitura de *Mudar: método*, de Édouard Louis

The enunciation of the I in autosociobiography: A reading of *Change: Method* by Édouard Louis

Maria Eduarda Freitas Moraes

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul

Maria Ottilia Rodrigues Cruz

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul

Maria Eduarda Freitas Moraes

Psicóloga e psicanalista.

Doutoranda em Linguística no Programa de Pós-Graduação em Letras da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS) com bolsa CNPq. Membro do Grupo Discursos em Diálogo (PUCRS/CNPq). Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-2625-7934>. E-mail: mariaefmoraes@gmail.com.

Maria Ottilia Rodrigues Cruz

Professora da educação básica e escritora. Mestranda em Teoria da Literatura no Programa de Pós-Graduação em Letras da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS) com bolsa Capes. Membro do Grupo Discursos em Diálogo (PUCRS/CNPq). Orcid: <https://orcid.org/0009-0008-5269-0900>. E-mail: ottilia.maria@edu.pucrs.br.

Recebido em:

22/02/2025

Aceito em:

08/06/2025

AGOSTO/2025

ISSN 2317-9945 (On-line)

ISSN 0103-6858

p. 83-94

RESUMO

A obra de Émile Benveniste elucidada a relevância do sujeito nos estudos linguísticos. Sua teoria destaca o eu como sujeito que realiza o ato da enunciação em contraposição ao tu, a quem o eu se dirige, e ao ele, objeto da enunciação. Partindo desses operadores, temos o objetivo de apresentar de que modo o eu, sujeito da enunciação, se apropria da linguagem ao apresentar a sua história em uma narrativa autossociobiográfica. Para atingir o objetivo, realizamos uma análise de trechos da obra *Mudar: Método* (2021), de Édouard Louis. Na obra, o autor enuncia seu processo de mudança de classe social em uma autossociobiografia que considera central para a narrativa os aspectos sociais de classe e de orientação sexual. Concluímos indicando que a teoria da enunciação de Émile Benveniste é produtiva para análise de textos literários. Além disso, indicamos a enunciação de Louis como modo de apropriação única e singular do eu sobre a sua história.

PALAVRAS-CHAVE

Enunciação. Discurso. Autossociobiografia. Sujeito.

ABSTRACT

Émile Benveniste's work elucidates the relevance of the subject in linguistic studies. His theory emphasizes the "I" as the subject who performs the act of enunciation in opposition to the "you", to whom the "I" addresses itself, and to the "he", the object of enunciation. Based on these operators, our objective is to demonstrate how the "I", as the subject of enunciation, appropriates language when presenting its history in an autosociobiographical narrative. To achieve this objective, we conducted an analysis of excerpts from the work

Change: Method (2021) by Édouard Louis. In this work, the author enunciates his process of social class change in an autosociobiography that considers the social aspects of class and sexual orientation as central to the narrative. We conclude by indicating that Émile Benveniste's theory of enunciation is productive for the analysis of literary texts. Besides, we highlight Louis's enunciation as a unique and singular mode of the "I"'s appropriation of its history.

KEYWORDS

Enunciation. Discourse. Autosociobiography. Subject.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Os estudos do discurso adquirem uma perspectiva singular sobre o sujeito a partir dos estudos de Émile Benveniste. Inicialmente, realizando uma releitura da obra de Ferdinand de Saussure, o autor irá questionar a tradição dos estudos diacrônicos no âmbito da língua, indicando que a linguística deveria se dedicar ao estudo da língua em uso, no discurso (Benveniste, 2020). Partindo então da noção da língua composta por "[...] elementos formais articulados em combinações variáveis, segundo certos princípios de estrutura"¹ (Benveniste, 2020, p. 22), o autor irá, ao longo da sua obra, desenvolver uma teoria própria acerca do discurso como manifestação em ato singular e irrepetível da língua em uso.

Ao colocar em lugar de destaque a dimensão da subjetividade no discurso, Benveniste salienta: "É na linguagem e pela linguagem que o homem se constitui como sujeito; porque só a linguagem fundamenta na realidade, na sua realidade que é a do ser, o conceito de 'ego'" (Benveniste, 2020, p. 286). Desse modo, o próprio sujeito só pode adquirir tal estatuto ao estar inserido no campo da linguagem. Ao assumir a função de locutor, o ser se torna sujeito, capaz de apropriar-se do lugar de enunciação no discurso. A subjetividade na linguagem, portanto, diz respeito à "[...] capacidade do locutor para se propor como 'sujeito'" (Benveniste, 2020, p. 286), tratando da emergência do sujeito no seu dizer. Para Knack (2013), Benveniste recupera a dimensão do sujeito na enunciação; dimensão até então não enfocada pelos estudos linguísticos.

Partindo das considerações acerca da Teoria da Enunciação de Benveniste, o presente artigo apresenta de que modo o *eu*, sujeito da enunciação, se apropria da linguagem ao narrar sua história na autossociobiografia. Consideramos o pressuposto de que a literatura pode ser considerada experiência intersubjetiva a partir da Teoria da Enunciação de Benveniste e, nessa via, o texto literário é um fato de linguagem que pode se tornar objeto de análise. Apesar disso, Knack (2013) salienta que há uma lacuna em estudos brasileiros

1 A estrutura, nessa perspectiva, é compreendida como sistema de "[...] tipos particulares de relações que articulam as unidades de certo nível" (Benveniste, 2020, p. 22), estabelecendo relações de oposição em que cada elemento só adquire seu valor em relação a outro, dentro desse sistema.

que se dedicam à análise de textos literários na perspectiva benvenistiana, afirmando que outras perspectivas teóricas que “[...] tomam por base os estudos de Bakhtin, de Ducrot, de Maingueneau, entre outros” têm sido mais utilizadas para a análise dos textos (Knack, 2013, p. 309). Apesar da lacuna, Knack (2018, p. 450) indica que “Não há dúvidas de que a literatura interessa à linguística benvenistiana, e as relações entre seus campos [da literatura e da linguística] podem ser desdobradas em inúmeras direções”.

Para atingir o objetivo, analisamos a obra *Mudar: método* (2024), do autor francês Édouard Louis². Compreende-se a obra como um ato irrepetível de enunciação, na qual o autor discorre sobre momentos críticos que implicaram mudanças no modo como ele se posicionou ao narrar sua vida e à sua história. Apesar de se referir às experiências vividas pelo próprio sujeito, a autossociobiografia difere-se da autobiografia. Isso porque a autobiografia supõe uma narrativa linear, em que o indivíduo é o agente central das suas ações. Entretanto, as condições reais de vida implicam descontinuidades e contradições que se manifestam em relações concretas no espaço social (Bourdieu, 2011). Tendo isso em vista, a autossociobiografia implica recontar uma história pessoal de modo consciente do lugar social que se ocupa, situando-o de modo sócio-histórico (Charpentier, 2006; Ernaux; Bras, 2017). Trata-se de um gênero discursivo que o estilo de Édouard Louis reatualiza³. Justificamos a escolha pela autossociobiografia como objeto de análise para a Teoria da Enunciação considerando o efeito de acesso ao real que esse gênero discursivo permite ao partir do modo como se recorda aos olhos do autor a realidade, sem pretender ficcionalizá-la (Ernaux; Bras, 2017; Ernaux, 2023).

Esse efeito se dá menos por uma descrição exaustiva da realidade do que pela capacidade do *eu* de apropriar-se da linguagem ao enunciar sua história preservando certa concretude que reflete na forma e no conteúdo das obras autossociobiográficas. Ernaux situa a impossibilidade de usar palavras diferentes para nomear uma experiência concreta e real na autossociobiografia, uma “[...] união definitiva entre realidade passada e [de] uma imagem que exclui qualquer outra” (Ernaux, 2022, p. 60), ou seja, há, nessa escrita, a emergência da enunciação singular como impossibilidade de realizar o ato enunciativo de outro modo com a intenção de transmitir a experiência ao leitor – instância de alteridade – do modo mais vívido possível, bem como produzir uma escrita literal na qual não se visa o uso de metáforas; as palavras conservam os sentidos atribuídos socialmente nos contextos vivenciados.

Nessa perspectiva, compreendemos que a autossociobiografia permite interrogar os efeitos da enunciação do *eu* que se situa de modo consciente no espaço social e nas relações de alteridade que estabelece. Partindo dessa reflexão, estruturamos o texto em três seções: a primeira apresenta um apanhado da Teoria da Enunciação de Benveniste e das particularidades da enunciação no âmbito escrito, que difere da fala; a segunda apresenta a obra

2 Louis é um autor francês que, nos últimos anos, tem tido suas obras traduzidas e disseminadas no Brasil. Em 2024, o autor esteve no Brasil concedendo entrevistas nas quais destaca o engajamento social e político da sua obra, enfatizando os problemas sociais, a miséria, a violência e a exclusão que o motivam a escrever utilizando estrategicamente o seu lugar de poder atingido por meio da ascensão social para visibilizar questões sociais relevantes, como a homofobia, entre outras violências (Flip, 2024; Fundação Padre Anchieta, 2024).

3 O autor destaca Annie Ernaux como uma de suas referências para construção do seu estilo de narrativa.

literária como ato enunciativo do *eu*; por fim, a terceira explora a presença da alteridade (*tu*) na enunciação.

A TEORIA DA ENUNCIÇÃO DE ÉMILE BENVENISTE: A RETOMADA DO SUJEITO

Na perspectiva de Émile Benveniste, “[a] linguagem só é possível porque cada locutor se apresenta como sujeito, remetendo a ele mesmo como eu no seu discurso” (Benveniste, 2020, p. 286). A polaridade entre o *eu* – locutor, que assume e se apropria do discurso – e o *tu* – instância de alteridade a quem se dirige o locutor – é instaurada. O *eu* e *tu* são formas linguísticas que designam as pessoas do discurso, traços de subjetividade que se inserem nessas formas linguísticas (Knack, 2013). Desse modo, em Benveniste, é essencial a presença da alteridade para que o locutor possa se colocar como sujeito. O sujeito torna-se então um efeito da enunciação, cada vez único, bem como o ato enunciativo (Knack, 2018). O *ele*, por sua vez, refere-se ao objeto do discurso (não-pessoa) sobre o qual se fala.

Além das três instâncias citadas (*eu*, *tu* e *ele*), Benveniste salienta o tempo e o espaço como categorias linguísticas. Para o autor, “[a] enunciação identifica-se com o próprio ato” (Benveniste, 2020, p. 289) cada vez único. Benveniste (2023) ainda distingue três noções de tempo: o físico, dividido em horas, minutos, segundos; o crônico, compreendido como tempo dos acontecimentos que marcam um antes e um depois; e o linguístico, situado como tempo da enunciação. Benveniste (2023, p. 75) salienta: “[o] que o tempo linguístico tem de singular é o fato de estar organicamente ligado ao exercício da fala, o fato de se definir e de se organizar como função do discurso”. Para Benveniste, mesmo ao narrar um acontecimento do passado, o tempo em que se realiza a enunciação será o tempo presente, tempo do ato enunciativo: “[o] locutor situa como ‘presente’ (ou uma forma equivalente) tudo que está aí implicado na forma linguística que ele emprega” (Benveniste, 2023, p. 75). Esse presente, por sua vez, “[...] é reinventado a cada vez que um homem fala porque é, literalmente, um momento novo, ainda não vivido” (Benveniste, 2023, p. 75). Sendo assim, não há como se repetir a mesma situação de enunciação, visto que cada enunciação se dá em determinado tempo e, uma vez pronunciado, torna-se irrecuperável de modo pleno e exato, embora possa ser transmitido e reatualizado em uma nova enunciação singular.

Na perspectiva enunciativa, o *eu* e o *tu* são a cada vez únicos (Knack, 2018). Em sua obra, Benveniste (2014) ainda salienta a função significante da língua. Ao diferenciá-la de outros sistemas semióticos, o autor enfatiza que a língua é o único sistema capaz de interpretar a si mesmo e destaca que “[...] a língua é não apenas feita de signos, mas também produtora de signos” e, com isso, “[...] o sistema que a compõe engendra, ele próprio, novos sistemas, dos quais a língua é o interpretante” (Benveniste, 2014, p. 101). Nessa via, a língua é considerada um sistema cuja função é essencialmente representar, ou seja, tornar presente o que está ausente por meio do ato enunciativo e, nesse ato de enunciar, não se trata de reproduzir signos linguísticos a fim de comunicar, mas de criar sentidos novos a partir do discurso atualizado em ato.

A escrita, por sua vez, diferencia-se da fala. Para o autor, “Seria preciso distinguir a enunciação falada da enunciação escrita. Esta se situa em dois planos: o que escreve se enuncia ao escrever e, no interior de sua escrita, ele faz os indivíduos se enunciarem” (Benveniste, 2023, p. 90). A operação de escrita e a de leitura, nessa via, seriam também atos enunciativos únicos que, a cada vez, elucidam e marcam o posicionamento do sujeito (*eu*), sua relação com o interlocutor (*tu*) e sobre o que se fala (*ele*) dentro do tempo linguístico, tempo presente da enunciação.

Benveniste ainda distingue que o ato de escrever não equivale à fala pronunciada, entoadada ao outro: “[...] o ato de escrever não procede da fala pronunciada, da linguagem em ação, mas da linguagem interior, memorizada” (Benveniste, 2014, p. 132). Sendo assim, o autor indica que o processo de pensamento que antecede à escrita implica numa enunciação do *eu*, que posteriormente é materializada no suporte escrito. Essa reflexão sobre o processo de pensamento e a enunciação do *eu* nos ajudará a compreender melhor as dinâmicas presentes na obra *Mudar: método* (2024), de Édouard Louis. Nesse livro, a escrita torna-se uma ferramenta de transformação, um meio pelo qual o autor enuncia e compreende as suas vivências de modo articulado aos processos sociais do qual ele é parte.

MUDAR: MÉTODO, UMA LEITURA DA ENUNCIÇÃO DO EU

Édouard Louis nasceu no norte da França, em 1992, em uma família operária. Cresceu com seus pais sendo apoiados por subsídios sociais do governo. Durante a infância e a adolescência, sofreu inúmeras humilhações e violências por conta da homofobia explícita na aldeia da Picardia, onde morava. Na sua família, foi o primeiro a prestar ensino superior, estudando Sociologia na *École Normale Supérieure*.

No romance de formação *Mudar: método*, Louis relata sua trajetória pessoal, revelando como alcançou o patamar de uma das vozes mais influentes da literatura contemporânea. Ao revisitar sua infância e adolescência, o autor expõe as discriminações que ocorreram ao longo da vida e narra seu processo de compreensão de sua homossexualidade. Ele aborda o papel crucial dos estudos como meio de distanciamento de seu ambiente de origem, retratando ainda sua complexa relação com os pais e o seu afastamento gradual e consciente de seus familiares. O autor também destaca o impacto transformador de amizades que o auxiliaram em sua busca pela construção de uma nova identidade.

A ascensão social por meio dos estudos é enunciada pelo autor na obra, como descrita a seguir:

École Normale Supérieure. Por vários meses só pensei nesse objetivo, com medo e angústia. Pensava, *Se você entrar nessa instituição, nunca mais vai voltar para a sua cidade*. Não eram os estudos ou as coisas que eu poderia aprender na *École Normale Supérieure* que me interessavam, mas a certeza de que se atravessasse as portas dessa instituição nunca mais poderia voltar atrás (Louis, 2024, p. 151).

Nesse trecho, observamos que a enunciação do sujeito contém um en-

dereçamento voltado para ele mesmo no âmbito do discurso interior, na expressão: “*Se você entrar nessa instituição, nunca mais precisará voltar para a sua cidade*” (Louis, 2024, p. 151). Podemos refletir com Benveniste (2014) que o discurso interior é materializado no suporte da atividade escrita. Além disso, nesse enunciado, *eu* e *tu* são instâncias que remetem à pessoa do autor, indicando um pensamento na forma de monólogo. Para Benveniste, o monólogo opera como “[...] um diálogo interior, formulado em ‘linguagem interior’, entre um eu locutor e um eu ouvinte” (Benveniste, 2023, p. 87). Knack (2018) corrobora a leitura de Benveniste sinalizando que há uma cisão do *eu* no discurso monológico, que passa a se dividir e a operar como duas instâncias linguísticas, assumindo dois papéis, como *eu* e *tu*. Nessa via, compreendemos que a enunciação do sujeito se desdobra: o diálogo interior é tornado enunciado dirigido ao público como interlocutor à medida que Louis o escreve e publica, provocando novos sentidos e efeitos a cada leitura da enunciação única.

A cidade natal, cenário de violências homofóbicas sofridas pelo autor, bem como do seu desenvolvimento e crescimento acompanhado da escassez de dinheiro, que motivava brigas e conflitos no ambiente doméstico, é lugar a ser evitado pelo *eu* enunciado por Louis, que visa construir uma nova história para si. O autor inicia uma jornada de sacrifícios, imaginando que a recompensa será o repouso depois de garantir sua entrada na École, como se lê no trecho a seguir:

Trabalhava com a energia do desespero, tinha a impressão de que se não lesse todos os livros do mundo, se não entendesse tudo, fracassaria, era preciso recuperar o tempo perdido com relação àqueles que fariam parte de minha vida em Paris e que eu via o tempo todo à minha volta durante essas jornadas na biblioteca, aqueles que tinham lido desde os primeiros anos de suas vidas, ao contrário de mim, que tinham conhecimentos e uma cultura que eu não tinha, referências de que eu sequer suspeitava, via minha vida apenas como uma corrida de velocidade em que eu começara a correr tarde demais, no momento em que todos os outros já estavam quase atravessando a linha de chegada, era preciso recuperar esse atraso impossível. *Eu preciso me salvar* (Louis, 2024, p. 155, grifos do autor).

No trecho, observamos um relato que elabora e retoma o passado, representando o que foi ocorrido e experienciado pelo sujeito. A presença do enunciado “*Eu preciso me salvar*” reflete novamente a presença do *eu* no discurso interior que conduzia o sujeito no plano social. Trata-se de uma marca visível e evidente do “eu na língua posta em uso” tal como proposto por Benveniste (Knack, 2013, p. 329). Nessa via, “[a] enunciação é este colocar em funcionamento a língua por um ato individual de utilização” por meio de um processo no qual o sujeito se apropria de modo singular da língua e a atualização na sua enunciação (Benveniste, 2023, p. 82).

A transformação passa a se tornar também física, afetando o corpo do autor, que narra um tratamento dentário de quatro anos que teria iniciado uma série de mudanças no corpo: “*Eu queria mudar tudo, e que tudo no meu processo de mudança fosse resultado de uma decisão*” (Louis, 2024, p. 176). Nesse ponto, observa-se uma consciência do autor sobre os processos vivenciados e sobre a sua posição nesses processos. Para Knack (2013, p. 331), “[...] o texto, sem que se despreze sua condição de *produto* da enunciação [...]

pode ser entendido também como um *processo enunciativo* de apropriação e de atualização da língua pelo locutor e, como *processo*, o texto está em constante (re)constituição”. A partir dessa leitura, podemos compreender que o próprio texto atualiza a cada vez de modo singular o processo de enunciação, permitindo tornar sempre atual e múltipla a leitura de sentidos que o material escrito evoca. Knack afirma que o enunciado do sujeito:

[...] a cada vez que coloca a língua em funcionamento por um ato individual de utilização, entrelaça pessoa (*eu-tu*), tempo (*agora*) e espaço (*aqui*) às demais formas da língua para produzir sentidos e referências, agenciando-os e atualizando-os na instância textual, seja falada, seja escrita (Knack, 2013, p. 331).

Nesses termos, o tempo da enunciação é sempre o presente; ainda que remeta à representação do tempo passado, a enunciação trata de trazê-la à luz do presente. Benveniste ainda salienta: “É preciso ter cuidado com a condição específica da enunciação: é o ato mesmo de produzir um enunciado, e não o texto do enunciado, que é nosso objeto. Este ato é o fato do locutor que mobiliza a língua por sua conta” (Benveniste, 2023, p. 82). Sendo assim, o ato de ser mobilizado como autor de um enunciado que é objeto da linguística; lugar de autoria que assume figurações específicas na autossociobiografia à medida que se trata de refletir e enunciar a própria história considerando que há outras pessoas que compartilham e permeiam a sua trajetória.

A PRESENÇA DA ALTERIDADE NA ENUNCIÇÃO

O outro é necessariamente uma entidade constitutiva do discurso do *eu* na enunciação. Partindo desse pressuposto, compreendemos que, em uma parte da obra, Louis narra sua relação com Elena, pessoa que foi sua melhor amiga em determinado momento. No entanto, eles acabam se afastando quando o autor decide que precisa morar em Paris para seguir seus estudos. Parte da obra, intitulada *Breves cartas para um longo adeus (explicações fictícias para Elena)*, é direcionada a discutir possíveis explicações que o autor poderia dar à amiga, que não compreendia o afastamento do autor, sentindo-se abandonada. Nessa parte, o discurso do autor se dirige a Elena, além do público, pois relata:

Tentava esquecer você. A frase que voltava à minha cabeça, que eu repetia, era que *eu devia viver todas as vidas*, e acho que dizia a mim mesmo que esse imperativo havia nos separado, não eu ou minhas decisões, mas uma necessidade mais forte do que eu. Que eu não era a causa. [...]. Eu me lembrava das vezes em que os garotos da minha cidade contavam que iam morar fora, numa cidade grande, para serem cozinheiros ou garçons, os únicos trabalhos acessíveis a eles, sem diplomas e sem conhecimentos, e voltavam algumas semanas depois dizendo, envergonhados, que tinham fracassado, que era muito difícil, muito caro, que tinham perdido o emprego, como se a cidade os tivesse chamado de volta. Já eu queria que nada pudesse me escapar. Viver tudo era me vingar do lugar que me fora destinado no mundo desde o meu nascimento. E isso, estou enganado?, você não entendia (Louis, 2024, p. 180).

O trecho citado acima é uma resposta ao que se passou com Elena. Nessa

via, o autor converge de modo individual a língua em discurso, semantizando o ocorrido. Em Benveniste, vemos que a semantização depende de uma articulação que não permite ver as palavras, unidades semânticas, isoladas da frase como expressão semântica, uma vez que a enunciação coloca a “[...] língua em emprego e ação” necessariamente acarretando um sentido ao enunciado (Benveniste, 2023, p. 227). Desse modo, a língua apresenta:

[...] sua função mediadora entre o homem e o homem, entre o homem e mundo, entre o espírito e as coisas, transmitindo a informação, comunicando a experiência, impondo a adesão, suscitando a resposta, implorando, constringendo; em resumo, organizando toda a vida dos homens (Benveniste, 2023, p. 228).

E, nessa via, é no uso da língua em enunciação que o signo adquire sua existência, à medida que se dirige ao outro. Ainda para Benveniste, “[...] o que não é usado não é signo; e fora do uso o signo não existe” (Benveniste, 2023, p. 226). Na enunciação de Louis, visualizamos o seu discurso instaurando a presença de uma alteridade para constituir-se e novamente convergimos para Benveniste (2023), quando o linguista indica que:

[...] imediatamente, desde que ele [o locutor] se declara locutor e assume a língua, ele implanta o *outro* diante de si, qualquer que seja o grau de presença que ele atribua a este outro. Toda enunciação é, explícita ou implicitamente, uma alocução, ela postula um alocutário (Benveniste, 2023, p. 84).

E, nessa via, *eu* (sujeito da enunciação) e *tu* (sujeito a quem o discurso se dirige) são indivíduos linguísticos que “nascem de uma enunciação” (Benveniste, 2023, p. 84-85) e que são engendrados novamente “[...] cada vez que uma enunciação é proferida, e cada vez eles designam algo novo” (Benveniste, 2023, p. 85). Entretanto, ao escrever uma obra para ser publicada e não um discurso voltado somente a Elena, podemos compreender que outra dimensão do *tu* no discurso de Louis é o público, a quem ele dirige a sua enunciação. Para Benveniste (2023, p. 87), “O que em geral caracteriza a enunciação é a *acentuação da relação discursiva com o parceiro*, seja este real ou imaginado, individual ou coletivo” e, nessa via, a enunciação ganha contornos específicos conforme a situação social que se apresenta. No enunciado de Louis, não se trata meramente de manifestar um discurso acerca da sua vida privada, mas de demonstrar as questões e os conflitos que sua condição social específica o colocou, como a privação e o afastamento de uma amizade importante para sua constituição como sujeito e como autor. Em Benveniste, ainda encontramos que: “[...] cada enunciação é um ato que serve o propósito direto de unir o ouvinte ao locutor por algum laço de sentimento, social ou de outro tipo” (Benveniste, 2023, p. 89) e, nesse sentido, trata-se de um laço que Louis estabelece com o seu público ao mobilizar as desigualdades sociais que devem ser visibilizadas e enunciadas.

Ainda, outra presença de alteridade é relevante para constituir o discurso de Louis: a figura de seu pai. Em determinado momento, após iniciar o processo de mudança, o autor retorna à cidade natal para visitá-lo. A cena que narra, ao entrar na casa dele, é de perceber um grande afastamento entre os dois:

No momento em que abri a porta do seu apartamento e o vi, e vi a pobreza que marcava cada centímetro do lugar onde ele morava, o cheiro de fritura, a televisão enorme na frente da mesa em que comia, seu corpo destruído por uma vida de miséria e exclusão, pensei no homem da véspera e em seu sofá de pele de urso-polar, pensei em seus vinhos de muitas centenas de euros, e então perdi a linguagem. Não encontrava nada em mim para medir aquela distância, a feiura e a violência do mundo. Não sei o que era, aquela tempestade dentro do meu corpo, a raiva, o desespero, a aversão, até meus sentimentos não tinham mais nome. Entendi que se tentasse explicar aquela distância voltando a Paris, ninguém compreenderia, eu não saberia expressá-la, porque está fora da linguagem (Louis, 2024, p. 204).

O sofá de urso-polar remete ao encontro com um homem milionário que o autor tem na noite anterior. A desigualdade social, para o autor, habita o que excede a possibilidade de comunicação da linguagem, de transmissão a um outro do que se viveu exatamente. No entanto, a linguagem significa; sua função é significar, representar no ato de enunciação do *eu* dirigido ao *tu* (Benveniste, 2023), e, nesse sentido, um *sofá de urso-polar* evoca um signo de profunda desigualdade que adquire sua semantização ao ser atualizado na obra como enunciação de Louis. Como apontado por Mello e Vier (2020), na perspectiva de Benveniste não é a soma de signos que produz um sentido, mas a articulação semântica, entendendo forma e sentido como “funções gêmeas” (Benveniste, 2023, p. 220). Nessa via, o signo *sofá de urso-polar* traz significação ao leitor como alteridade à medida que é articulado à narrativa de Louis:

Não tenho saudade da pobreza, mas da possibilidade do presente.

Ou melhor: eu detestei a minha infância e sinto saudade da minha infância.

Será que isso é uma coisa normal?

[Eu queria voltar no tempo...] para o tempo em que meu pai dizia quando ouvia o barulho que faz a rolha quando se abre uma garrafa de vinho, ‘opa, estão me chamando!’

Para o tempo em que assistíamos à televisão oito, nove horas por dia porque a TV nos permitia pensar apenas no presente e não ter que pensar no dia seguinte, isto é, na preocupação e na vida.

Para o tempo em que a cada sorteio da loteria eu olhava – sempre ele, o pai – e sentia um arrepio ouvindo ele dizer: Imagina se a gente ganhar e ficar milionário.

(Claro que a infância era também quando ele me dizia que eu não era o filho que ele queria ter tido, quando a angústia de faltar dinheiro definia o nosso dia a dia – mas todas essas coisas me marcam cada vez menos quando penso nelas, não sei por quê, não tenho explicação.) (Louis, 2024, p. 234-235).

Ao enunciar o desejo de voltar ao passado, Louis o reatualiza no tempo presente, tempo da enunciação. Benveniste salienta o quanto a dimensão do tempo presente é construída por meio da linguagem, indicando que essa noção só é possível em função da enunciação: “Poder-se-ia supor que a temporalidade é um quadro inato do pensamento. Ela é produzida, na verdade, na e pela enunciação. [...]. O presente é propriamente a origem do tempo” (Benveniste, 2023, p. 85). A enunciação, portanto, se dá no tempo linguístico, o presente. Nessa via, a escrita é um meio de voltar no tempo, de ressignificar os eventos por meio da apropriação do lugar de sujeito da enunciação. O enunciado que anteriormente foi dito pelo pai e que é enunciado de modo atuali-

zado pelo autor: “Imagina se a gente ganhar e ficar milionário” é trazido para o presente da escrita. O autor nomeia como “marcar menos” a atualização na enunciação desse passado. Trata-se da capacidade de significação da língua, que reatualiza uma marca de modo sempre novo e inédito, irreproduzível de modo idêntico em outro momento porque, a cada vez, a enunciação está envolvida em um tempo presente que se esvanece.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A obra de Benveniste enfatiza a dimensão do sujeito na linguagem à medida que considera a fala um ato de enunciação do *eu*, ato único, irrepetível e singular. A enunciação escrita, por sua vez, diferencia-se da fala, visto que é antecedida pelo pensamento – discurso interior, constituído de linguagem memorizada –, que encontra um suporte concreto. Com isso, permite-se outro modo de circulação do discurso no âmbito social, apresentando uma enunciação que pode se manter materializada por um maior período, bem como amplia suas possibilidades de divulgação.

A partir da teoria apresentada por Benveniste, tivemos como objetivo, neste texto, apresentar de que modo o *eu*, sujeito da enunciação, se apropria da linguagem ao narrar sua história na autossociobiografia utilizando como exemplo uma das obras literárias de Louis, intitulada *Mudar: método* (2024). Justificamos a escolha pela autossociobiografia como objeto de análise para a Teoria da Enunciação considerando o efeito de acesso ao real que esse gênero discursivo permite. Esse efeito se dá menos por uma descrição exaustiva da realidade do que pela capacidade do *eu* de se apropriar da linguagem ao enunciar sua história. A obra de Louis é mais ampla do que o livro discutido neste texto e cabe salientar que este é um trabalho a contribuir com discussões mais amplas sobre a autossociobiografia e sobre as relações entre literatura, linguagem e sociedade.

Para atingir o objetivo, estruturamos o texto em três seções: a primeira apresentou um apanhado da Teoria da Enunciação de Benveniste e das particularidades da enunciação escrita; a segunda apresentou a obra literária como ato enunciativo do *eu*; por fim, a terceira explorou a presença da alteridade (*tu*) na enunciação.

Considerando a obra como um ato irrepetível de enunciação, acompanhamos o autor discorrer sobre momentos críticos que implicaram mudanças no modo como ele se posicionou ao narrar sua vida e sua história, principalmente no que se refere à mudança de classe social. No enunciado de Louis, não se visa meramente manifestar um discurso acerca de sua vida privada, mas de demonstrar os conflitos que sua condição social específica o colocou, como a privação e o afastamento de uma amizade importante para sua constituição como sujeito e como autor.

Observamos que, no livro de Louis, a escrita torna-se uma ferramenta de transformação, um meio pelo qual o autor enuncia e compreende as suas vivências de modo articulado aos processos sociais do qual ele é parte. Trata-se de enunciar e transmitir por meio da língua as desigualdades sociais, mudan-

ças e violências que permeiam a história de vida do autor. O diálogo interior é materializado na escrita dirigida ao público como um *tu*, um interlocutor. Todavia, há personagens, como Elena e o pai de Louis, que são instâncias de alteridade que compõem a enunciação da obra autossociobiográfica, tendo trechos especificamente dirigidos a eles ao longo do texto. Elena é amiga que o acompanha em uma parte do processo de mudança de classe social, enquanto o pai é alteridade que tanto presencia as violências da infância quanto o vê ascender em termos socioeconômicos, modificando, com isso, a relação entre os dois, tornando-os distantes e desiguais socialmente.

Concluimos indicando a teoria de Benveniste como produtiva para análise e discussão de textos literários, como sugerido por Knack (2013; 2018). A leitura da obra de Louis reatualiza o momento único de enunciação do *eu* do autor, sendo impossível evocar o mesmo efeito a cada leitura. A análise do *eu*, instância linguística que atua simultaneamente como agente e produto da enunciação, torna-se incompleta sem a consideração da dimensão da alteridade.

REFERÊNCIAS

- BENVENISTE, E. **Problemas de Linguística Geral**: volume I. Tradução de Maria da Glória Navak e Maria Luisa Neri. 6. ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2020.
- BENVENISTE, E. **Problemas de Linguística Geral**: volume II. Prefácio de M. Dj. Moinfar. 3. ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2023.
- BENVENISTE, E. **Últimas aulas no Collège de France** (1968 e 1969). Tradução de Daniel Costa da Silva *et al.* São Paulo: Editora Unesp, 2014.
- BOURDIEU, P. **Razões práticas**: sobre a teoria da ação. 11. ed. Campinas, SP: Papirus, 2011.
- CHARPENTIER, I. “Quelque part entre la littérature, la sociologie et l’histoire...”, **CONTEXTES: revue de sociologie de la littérature**, 1, 2006. Disponível em: <http://journals.openedition.org/contextes/74>. Acesso em: 23 ago. 2024.
- ERNAUX, A. **A escrita como faca e outros textos**. Tradução de Mariana Delfini. São Paulo: Fósforo, 2023.
- ERNAUX, A. **O acontecimento**. Tradução de Isadora Araújo Pontes. São Paulo: Fósforo, 2022.
- ERNAUX, A.; BRAS, P. La littérature, c’est la mise en forme d’un désir. **Journal des anthropologues**, v. 1-2, n. 148-149, p. 93-115, 2017. Disponível em: <https://journals.openedition.org/jda/6605>. Acesso em: 13 ago. 2024.
- FLIP - FESTA LITERÁRIA INTERNACIONAL DE PARATY. **Flip 2024 | Mesa 18: Anatomia do futuro**. 2024, Paraty. Transmitido ao vivo em 12 de outubro de 2024. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=_nL5416CDQ4. Acesso em: 18 nov. 2024.
- FUNDAÇÃO PADRE ANCHIETA (São Paulo). **O Roda Viva entrevista o escritor Édouard Louis, destaque da Flip 2024**. São Paulo, 21 out. 2024. Roda Viva, TV Cultura. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=wn7RxTuQc4U>. Acesso em: 18 nov. 2024.
- KNACK, C. Émile Benveniste e a linguística do discurso: repercussões no campo dos

estudos textuais no Brasil, **Entretextos**, Londrina, v. 13, n. 1, p. 308–333, 2013. Disponível em: <https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/entretextos/article/view/14749>. Acesso em: 24 out. 2024.

KNACK, C. O enlace entre a literatura e a linguística enunciativa Benvenistiana: palavras para fazer ouvir interrogações. **Letrônica**, v. 11, n. 4, p. 441–451, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.15448/1984-4301.2018.4.31417>. Acesso em: 24 out. 2024.

LOUIS, E. *Mudar: método*. Tradução de Marília Scalzo. São Paulo: Todavia, 2024.

MELLO, V. H. D.; VIER, S. O professor de língua(s) como falante de uma língua, **Revista Virtual de Estudos da Linguagem**, v. 28, n. 34, p. 323–338, 2020. Disponível em: <http://www.revel.inf.br/files/e7c76e8868c67b9d1e5a590f71ce864a.pdf>. Acesso em: 1 jun. 2025.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) pela bolsa de doutorado concedida à primeira autora e à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) pela bolsa de mestrado concedida à segunda autora.